

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ KELLERSMANN, de Berlim

## Bowie em Berlim

Que David Bowie viveu três anos em Berlim não é novidade. Mas o que fazia por aqui, onde morava, que lugares frequentava e o que de fato o trouxe à cidade? Isso tudo está no livro "Helden: David Bowie und Berlin", do alemão Tobias Rüther, redator da edição dominical do jornal "F.A.Z." e perito em música pop. Ainda em Los Angeles, na metade dos anos 1970, Bowie andava eufórico com o som dos grupos alemães Kraftwerk, NEU! e Can, e seus filmes preferidos eram os expressionistas pré-anos 1930, como "O gabinete do Dr. Caligari" e obras de Pabst e Murnau. Além disso, declarou adorar "Cabaret", com Liza Minelli, baseado na obra literária de Christopher Isherwood. E como não falar no seu fascínio, no mínimo estético, pelos nazistas? Todas essas referências que já incorporava no personagem Thin White Duke, somadas à vontade de criar um novo som, fermentaram o desejo de vir a Berlim.

Na chegada à cidade dividida, no fim de 1976, Bowie se instalou em um apartamento em Schöneberg. Com ele moravam sua assistente, Coco Schwab, e o amigo Iggy Pop. Os quartos só tinham colchões no chão, porém nos aposentos de Bowie havia algo a mais: um retrato de Yukio Mishima, pintado por ele. Bowie sempre pintou e desenhou, e afirmou uma vez que queria ter sido pintor, mas não tinha certeza do seu talento. Em Berlim, ele frequenta museus e galerias. Em uma delas, adquire obras do grupo expressionista Die Brücke.

David Bowie também estava muito ligado em cinema e planejava lançar um livro de contos. No entanto, projetos com R.W. Fassbinder, Lina Wertmüller e uma *biopic* de Egon Schiele não saíram do papel. O projeto que marcou sua fase final em Berlim foi o filme "Apenas um gigolô", de David Hemmings, em que ele revive os seus idolatrados anos 1920 e divide a tela com ninguém menos que Marlene Dietrich, ainda que os dois tenham se encontrado somente na montagem. Marlene, que prometera não pôr mais os pés na Alemanha, filmou em Paris, e ele, em Berlim. Mais tarde, em 1981, Bowie participou da adaptação cinematográfica da autobiografia da *junkie* adolescente Christiane F. Além da trilha sonora com suas músicas, uma cena do filme revive um show do cantor realizado em 1976, em Berlim.

Mas o marco da temporada de Bowie na cidade foi a "Trilogia de Berlim", composta pelos discos "Low", "Heroes" e "Lodger". "Low" foi gravado ao mesmo tempo que "The idiot", de Iggy Pop, no Château d'Hérouville — um castelo-estúdio perto de Paris —, e ambos mixados no Hansa Studio. "Low" foi concebido como um conjunto de experimentações, um disco que foi lançado discretamente, no inverno, pois a gravadora esperava ser um fracasso. No verão de 1977, Iggy e Bowie já estão gravando o segundo disco solo de Iggy, "Lust for life", lançado no mesmo ano. Ao mesmo tempo começa a gravação do álbum "Heroes", que será lançado ainda em 1977, com toda a mídia possível. No Hansa Studio, o técnico de som era Edward Meyer, hoje aposentado e testemunha ocular bastante presente no livro de Rüther. Foi escolhido por ser o único no estúdio que falava inglês e conta que a equipe de Bowie se sentia tão em casa no estúdio que ele só precisava aparecer de vez em

quando.

Enquanto o ano de 1977 foi intenso, em estúdio, 1978 é passado em turnê mundial e em maio de 1979, quando "Lodger" é lançado, Bowie já não vivia em Schöneberg. As gravações de "Lodger" apenas começaram em Berlim.

Estive no Hansa Studio, em várias situações: *showcases* de Dee Dee Bridgewater, de Elvis Costello & Allen Toussaint, e na festa de 40 anos da gravadora alemã ECM. Além de eventos fechados, outra maneira de conhecer o estúdio é através de uma visita guiada com Thilo Schmied, da Fritz Music Tours, ligada a uma rádio local. Nessa visita você vai ouvir histórias sobre as principais bandas pop que gravaram lá e ver imagens da época em que o estúdio ainda dava para o Muro de Berlim, à vista dos binóculos dos guardas do lado oriental.

O prédio do Hansa foi construído em 1913 como sala de concertos, e durante a Segunda Guerra serviu de sede para festas da Gestapo. Foi destruído durante um bombardeio em 1943 e utilizado como salão de baile no pós-guerra. Em 1976, quando o

Hansa Studio se estabeleceu ali, ainda faltavam-lhe pedaços do teto ou janelas. A reforma tinha sido parcial e improvisada: arame de cerca cobria um furo na parede e pedaços de madeira tampavam janelas sem vidros. A luxuosa Meistersaal, a sala principal, tinha pedaços de teto ou parede faltando. Hoje em dia, quem olha da janela da Meistersaal completamente reformada para a Potsdamer Platz não vê um terreno baldio e nem rastros do Muro, mas sim os arranha-céus e os turistas da movimentada praça.

Uma particularidade da Meistersaal (na época de Bowie, chamado Studio 2) é que a mesa de mixagem e os músicos não ficavam no mesmo ambiente. Separados por uma parede, uma câmera de vídeo filmava os músicos em preto e branco e um monitor transmitia para a mesa, que ficava na sala ao lado. Os músicos apenas ouviam os técnicos de som. A Meistersaal hoje em dia é usada sobretudo como sala de concertos e eventos, mas estas minúcias ainda estão lá. Alguns dos famosos que passaram pelos estúdios Hansa são Depeche Mode, Nick Cave and The Bad Seeds, R.E.M., David Byrne, Pavarotti e U2. Dos locais, Nina Hagen, Hildegard Knef e Max Raabe. Esses e muitos outros deixaram sons entranhados nas paredes e nos tetos do estúdio.

### O marco da temporada de David Bowie na cidade foi a "Trilogia de Berlim"